

Dossiê Temático

**Representações
do Autoritarismo
na Literatura Portuguesa
e Brasileira**

**Representations
of Authoritarianism
in Portuguese and Brazilian
Literature**

**ZUZANA BURIANOVÁ
ANNABELA RITA**
COORDENAÇÃO DE

A pre sen tação

Presentation

ZUZANA BURIANOVÁ¹

ANNABELA RITA²

A literatura, com ser ficção, resiste à mentira.
(Alfredo Bosi, «Narrativa e resistência»)

Como a crítica já inúmeras vezes tem apontado, a relação entre literatura e sociedade não deve ser compreendida no sentido de mera dependência, mas antes, usando as palavras de Otto Maria Carpeaux, como «uma relação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológicos e estilísticos) e dos fatores materiais (estrutura social e económica)» (Carpeaux, 2011: 39). Assim, embora a literatura

==

¹ Faculdade de Letras, Universidade Palacký em Olomouc, República Tcheca. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3530-8473>.

² CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>.

não seja um simples reflexo e documento dos acontecimentos políticos e sociais, ela faz parte de um sistema que a condiciona e ao qual ela reage.

Por este motivo, a literatura, tal como outras formas de arte, sempre funcionou como um instrumento de resistência, respondendo, com diversas estratégias discursivas, às manifestações de opressão, despotismo e dogmatismo de vária ordem. Sobretudo, a produção literária do século xx – século que, apesar do extraordinário progresso da humanidade em múltiplas áreas, testemunhou uma proliferação de ditaduras e regimes autoritários, conflitos armados, guerras e genocídios – ficou marcada por um forte sentido do empenhamento social, cultural ou político, que se estende também para a criação literária no século xxi.

Também nos países de língua portuguesa, um dos temas recorrentes da produção literária moderna e contemporânea tem sido a crítica das arbitrariedades de governos autoritários, como é o caso do regime salazarista e dos regimes ditatoriais estabelecidos na segunda metade do século passado no Brasil e em outros países da América Latina. O objetivo deste dossiê é apresentar algumas manifestações da reflexão crítica sobre a produção literária que aborda esta temática. Estão, portanto, aqui reunidos oito estudos que se dedicam à análise de obras de autores portugueses e brasileiros que, em diferentes épocas e por diversas formas de expressão, reagiram contra as tendências autoritárias nas sociedades lusófonas.

Os primeiros cinco artigos incluídos no dossiê foram elaborados a partir das comunicações apresentadas, em setembro de 2021, no III Congresso da ABRE (Associação de Brasilistas na Europa), no painel intitulado «Representações do autoritarismo na narrativa brasileira contemporânea». O objetivo principal do painel, dedicado a romances brasileiros dos últimos cinquenta anos que abordaram o tema da opressão do Estado, era debater os procedimentos literários que os textos escolhidos adotaram para denunciar a realidade violenta de regimes ditatoriais. Simultaneamente, esperava-se oferecer uma visão geral das transformações temáticas e formais, ocorridas no último meio século, na narrativa brasileira que tematizou o regime militar. Por fim, pretendia-se chamar a atenção para a importância desta vertente de literatura que, concebida por Eurídice Figueiredo como um «arquivo da ditadura» (Figueiredo, 2017), representa um instrumento de resistência ao esquecimento e às tendências autoritárias, fortemente presentes no recente cenário político brasileiro.

O primeiro artigo, intitulado «Autoritarismo, cerceamento da liberdade e tortura em *Os homens dos pés redondos*, de Antônio Torres», de Vania Pinheiro Chaves (CLEPUL, Universidade de Lisboa), centra-se num romance do início da década 70 que, por meio de uma estética inovadora que entrelaça a descrição realista com a fantasia, denunciou simultaneamente dois regimes ditatoriais, o português e o brasileiro: *Os homens dos pés redondos* (1973), do escritor baiano Antônio Torres (*1940), até agora, o

único romance brasileiro a retratar o regime salazarista. O seu autor residiu em Portugal na segunda metade dos anos 60 e construiu um quadro dilacerado de um país cujo nome fictício, Ibéria, remete claramente para o contexto português. Ao mesmo tempo, certas referências e, principalmente, o emprego de recursos linguísticos oriundos do português brasileiro configuram uma alusão ao regime militar vigente no Brasil. O livro pertence a um conjunto de textos que, devido à forte censura do contexto da edição, adotaram procedimentos indiretos de denúncia, perspectivas distópicas, abordagens alegóricas ou atitudes experimentais.

O segundo estudo apresentado no dossiê, com o título «Narradores-trapeiros, anarquismo e fragmentação em romances de Benedicto Monteiro», da autoria de Abílio Pachêco de Souza (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará), examina três romances do escritor paraense Benedicto Monteiro (1924-2008): *Verde Vagomundo* (1972), *O minossauro* (1975) e *A terceira margem* (1983). Tal como várias outras obras de ficção da década de 70, estas narrativas destacam-se pela sua forma experimental, que se aproveita das técnicas de fragmentação e montagem. O escritor, que foi perseguido durante a ditadura militar e teve o seu mandato de deputado cassado, captou nelas, por meio de uma composição dispersa, a desintegração do sujeito subjugado pelo sistema, assim como o clima

de insegurança, desordem e absurdo reinante na sociedade brasileira da época.

O terceiro artigo, intitulado «Trauma e exílio em *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado, e *Pedaço de santo*, de Godofredo de Oliveira Neto», de Zuzana Burianová (Universidade Palacký em Olomouc), aborda dois romances publicados já no contexto de redemocratização da sociedade brasileira, que têm em comum a tematização de experiências traumáticas da repressão e do exílio: *Tropical sol da liberdade* (1988), da escritora carioca Ana Maria Machado (*1941), e *Pedaço de santo* (1997), relançado em 2011 sob o título *Amores exilados*, do ficcionista catarinense Godofredo de Oliveira Neto (*1951). O estudo mostra que, apesar de o desterro por motivos políticos ser, nas duas narrativas, percebido como um meio de sobrevivência, a violência experienciada no país de origem, junto com as vicissitudes do exílio, pode causar transtornos mentais e uma desintegração profunda do indivíduo.

Os dois artigos seguintes focalizam narrativas publicadas na última década que, devido a uma maior distância temporal, revisitam o período da ditadura militar brasileira através da memória de testemunhas diretas ou indiretas ou por meio da perspectiva dos familiares de mortos e desaparecidos. O texto de Graciela Foglia (Universidade Federal de São Paulo), intitulado «*Antes do passado: uma aprendizagem*», analisa o romance *Antes do passado. O silêncio que vem do Araguaia* (2012), no qual a

autora, a escritora gaúcha Liniane Haag Brum (*1971), relata a própria busca de informações sobre o seu tio Cilon Cunha Brum, militante do PCdoB, que nos anos 70 desapareceu na Guerrilha do Araguaia. O outro texto que examina a problemática de mortos e desaparecidos durante a ditadura militar brasileira, «Repressão e violência do Estado no romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage», é da autoria de Ana Maria Lisboa de Mello (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Examina o romance *O corpo interminável* (2019), da escritora carioca Cláudia Lage (*1979), que se insere no conjunto das obras surgidas no contexto marcado pelas investigações realizadas pela Comissão Nacional da Verdade (2012-2014). A ensaísta encara esta narrativa como «romance arqueológico», de acordo com a tipologia proposta por Dominique Viart, destacando o seu discurso polifónico em que se intercalam, além dos relatos das personagens principais, várias histórias e depoimentos de mulheres anónimas, vítimas da repressão.

Aos cinco textos acima referidos, originados das comunicações apresentadas no III Congresso da ABRE, juntaram-se, neste dossiê, outros três estudos, dedicados a obras das literaturas lusófonas que não retratam a ditadura brasileira dos anos 60/70, mas tematizam a problemática do autoritarismo, do dogmatismo e da violência do Estado.

O artigo de Márcia Rios da Silva (Universidade do Estado da Bahia), intitulado «Jorge Amado:

um escritor maldito encontra a sua Lisboa, cidade proibida, cidade imaginada», aborda, tal como o primeiro texto do dossiê, o retrato da sociedade portuguesa durante o regime salazarista, oferecido por um autor brasileiro. Trata-se do livro de memórias *Navegação de cabotagem* (1992), de Jorge Amado (1912-2001), em que o escritor baiano apresentou reminiscências da sua vida pessoal, literária e política, desde os anos 20 até à década de 90. O estudo centra-se nas passagens do livro em que o escritor evoca as suas vivências em Portugal e as suas relações com intelectuais e artistas portugueses, em diferentes momentos históricos. Com o apoio das reflexões de Benedict Anderson sobre a nação e de Vítor de Sousa sobre o conceito de portugalidade, analisa-se o posicionamento de Jorge Amado perante o discurso de portugalidade, em que se baseava a ideologia do imperialismo português. Mostra-se que, no retrato de Portugal sob o regime de Salazar, sobressai, de um lado, o seu amor pelo povo português e pelo país, e do outro, a sua rejeição categórica do autoritarismo e imperialismo do governo salazarista.

Sobre o tema da violência cometida contra a criança debruça-se o artigo «Zaíta não será esquecida: a vida em fragmentos e as crianças em Conceição Evaristo», da co-autoria de Luísa Antunes Paolinelli (Universidade da Madeira) e Sofia Fingermann e Fernandes (Universidade Presbiteriana Mackenzie). No seu foco está o conto «Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos», de Conceição Evaristo (*1946),

publicado na coletânea *Olhos d'água* (2014). Sendo uma das principais representantes da literatura feminina e afro-brasileira contemporânea, Conceição Evaristo tem dedicado uma grande parte da sua obra à denúncia – expressa por meio de elaborados recursos estéticos – da violação dos direitos humanos na sociedade brasileira, da exclusão social, discriminação e opressão das classes desfavorecidas, sobretudo de sujeitos femininos e crianças. No estudo, destaca-se o retrato do cotidiano na periferia urbana, em que o destino de crianças e jovens é pautado pela miséria, violência, crime e falta de perspectivas do futuro. Simultaneamente, chama-se a atenção para a extraordinária capacidade da autora de captar a imaginação infantil, marcada pelo desejo de amor, paz e beleza.

O último texto do dossiê, escrito por Isabel Ponce de Leão (Universidade Fernando Pessoa), cujo título, «El tema de nuestro tiempo», se inspira no famoso livro de Ortega y Gasset, apresenta, em vez da análise de uma obra concreta, uma reflexão geral sobre o modo como a literatura portuguesa tem reagido, ao longo

dos séculos, não apenas ao autoritarismo político, mas também ao dogmatismo estético. Depois da conceptualização introdutória do autoritarismo, a autora do estudo percorre, em perspectiva panorâmica, os principais momentos da literatura portuguesa, desde o século xv até à contemporaneidade. Nessa viagem, sem dissociar a produção literária do seu contexto, concentra-se em autores e obras mais representativas que se levantaram, por meio de diversos gêneros e estéticas, contra o dogmatismo, despotismo e repressão, operados pelos setores hegemônicos. Uma atenção especial é prestada às vozes críticas e inovadoras que aparecem na criação literária do século xx, desde as vanguardas do início do século, passando pelos autores do neorrealismo e outras correntes literárias, até à obra de escritores contemporâneos, como Miguel Real ou José Saramago.

Bibliografia

Carpeaux, O. M. (2011). Introdução. Em: Carpeaux, O. M. *História da literatura ocidental*. LeYa. São Paulo;

Figueiredo, E. (2017). *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. 7Letras. Rio de Janeiro.